

O CORPO E O GÊNERO DAS TRAVESTIS DO SER(TÃO) CENTRAL CEARENSE

Antonio Simão Cavalcante (FECLESC – UECE)

Noélia Alves de Sousa (FECLESC – UECE)

RESUMO

Acredito que estudar a vida das travestis e buscar entender quais os motivos que possibilitam suas lutas e permanências nas cidades do Sertão Central cearense, é contribuir para que sua cidadania seja reconhecida dando voz a essa parcela da sociedade tão estigmatizada e segregada. Objetiva analisar a vida das travestis que vivem nas cidades do Sertão Central cearense a partir de suas narrativas sobre a própria história de vida, discriminação, preconceito e a busca por inserção social. Justifica-se pela ausência de políticas públicas voltadas para a inserção social de trans no estado do Ceará, por diversas formas de preconceito que enfrentam cotidianamente, pela falta de oportunidade em relação ao trabalho e as formas de inserção no mercado formal. Autores como Benedetti, Bento, Butler, Bussinger, Moreno, Pelúcio e Toscano foram de fundamental importância. Trata-se de um estudo qualitativo e se constrói de modo emergente.

Palavras-chaves: Gênero. Travestis. Preconceito.

Introdução

O modo como percebemos a “realidade” é resultante do diálogo que estabelecemos com ela. Nosso olhar é constituído pela realidade da mesma maneira que esta é constituída pelo nosso olhar – a construção do sentido transita em via de mão dupla. O olhar, enquanto apreensão subjetiva do mundo é apontado como elemento potencializador do sujeito diante do mesmo.

Nesse sentido, o debate relativo ao gênero tem crescido no meio acadêmico nos últimos anos, não apenas identificados com os cisgêneros¹, mas, especialmente na elaboração e construção de novos olhares para pessoas trans, entendidas aqui como aquelas que apresentam uma passagem entre o sexo de atribuição e o de autodefinição e/ou autodeclaração.

Em nossa sociedade acredita-se que o indivíduo que nasce com o sexo masculino é necessariamente homem e quem nasce com o sexo feminino é mulher. Assim, o sexo biológico é imediatamente identificado com o gênero e, qualquer comportamento que não seja fiel aos valores sociais estabelecidos para cada um, acarreta em preconceito sexual que afeta profundamente o modo de vida desses sujeitos.

¹Aqueles que se identificam com o gênero ‘correspondente’ ao seu sexo biológico (JESUS, 2012).

Na construção dessa pesquisa o interesse em relação ao gênero ocorre na perspectiva de pessoas trans identificadas como travestis, visando entender seu processo de inserção social nos municípios do Sertão Central cearense, enfrentamento ao preconceito e nas vivências desses sujeitos no início da vida adulta. Tomando como amostra aquelas que resolveram permanecer em seus lugares de origem, contrariando as estimativas das que optaram por procurar a prostituição ou outras formas de vivência em grandes metrópoles brasileiras ou internacionais.

Assim a pesquisa visa elucidar a seguinte problemática: Como as travestis que vivem nas cidades do Sertão Central cearense narram suas histórias de vida, discriminação, preconceito e a busca por inserção social?

Outras questões também delimitam nosso pensar no objeto a ser problematizado, tais como: Como as travestis fazem pra sobreviver mesmo sem um trabalho formal? Como lidam com a ausência do nome social em seus documentos? Como enfrentam o preconceito sexual e a transfobia? O que pensam sobre si mesmas? Quais suas relações com o universo escolar? Como se percebem dentro do contexto social?

Com base nessa problemática foram construídos os objetivos dessa pesquisa.

O objetivo geral visa analisar a vida das travestis que vivem nas cidades do Sertão Central cearense a partir de suas narrativas sobre a própria história de vida, discriminação, preconceito e a busca por inserção social.

Especificamente, pretendemos descrever e analisar as principais formas de trabalho que as travestis realizam para sobreviver, investigar os motivos que levaram as travestis analisadas a permanecerem em suas regiões de origem e interpretar como a discriminação, preconceito e transfobia impostos pela sociedade às travestis se relacionam com seu contexto socioeconômico e suas histórias de sobrevivência.

Justificativa

A pesquisa se justifica pela ausência de políticas públicas voltadas para a inserção social de trans no estado do Ceará, por diversas formas de preconceito (social, sexual, racial, transfobia) que as travestis enfrentam cotidianamente, pela falta de oportunidade que enfrentam em relação ao trabalho e as formas de inserção no mercado formal, restando a elas o trabalho informal para sobrevivência, pela carência de formação escolar, poucas conseguem concluir a Educação Básica, e pela quantidade de travestis que deixam a região do sertão central cearense e aventuram-se em busca de trabalho, em geral, em grandes capitais, muitas vezes associados à exploração sexual e prostituição.

No que tange aos homossexuais, há um *locus* social de tolerância reservado apenas àqueles que são detentores de capital econômico (“pink dollar”) e intelectual (IRIGARAY, 2008), dado que, na sociedade capitalista, há o esvaziamento político da cidadania, da privatização da vida das pessoas e da projeção da economia sobre a política.

Na contramão dessas estatísticas estão as travestis que resolveram ficar em suas cidades de origem, aquelas que optaram em continuar suas vidas nos lugares onde nasceram e onde foram aprendendo a enfrentar a opressão e preconceito, desde muito cedo. Essas, na qual debruçamos nossa pesquisa, buscam inserissem na sociedade onde vivem, no contexto dos municípios do sertão central cearense, apesar da ausência de oportunidades e mobilidade social.

Travestis e transexuais, em sua grande maioria, pertencem às classes sociais mais baixas (PELÚCIO, 2005), e por conta de sua identidade sexual são discriminadas, estigmatizadas, silenciadas e invisibilizadas (BENEDETTI, 2005). Desta forma, a relevância deste estudo jaz no fato de dar-se voz a esta minoria, combatendo assim a naturalização da ideia de que a existência destas cidadãs só seja autorizada dentro de um gueto.

O trabalho informal torna-se a saída para elas, que buscam descortinar suas identidades em meio ao conflito de gênero a que estão intrinsecamente relacionadas. Tornam-se empregadas domesticas, vendedoras informais, diaristas, cabelereiras, manicuras, dentre outras formas de trabalho, que encontram para pagar suas contas e viverem suas realidades.

Estudar a vida das travestis e buscar entender quais os motivos que possibilitam suas permanências nas cidades do Sertão Central cearense, é contribuir para que sua cidadania seja reconhecida dando voz a essa parcela da sociedade tão estigmatizada e segregada.

Metodologia

Trata-se de um estudo qualitativo onde o problema analisado se constrói de modo emergente no ato da pesquisa, que se pauta na construção de narrativas dos sujeitos analisados a partir de suas próprias memórias, experiências concretas e de como constroem esse ‘olhar’ diante do mundo e de si mesmas. Busca entender e interpretar as experiências de cada indivíduo a partir de suas perspectivas individuais e subjetivas quanto à suas realidades concretas. Todavia, por se tratar de um estudo de cunho subjetivo, as crenças e paradigmas do pesquisador foram articuladas com o objeto de pesquisa, para que o mesmo possa ser apreendido.

O estudo é descritivo porque busca investigar um fenômeno e ainda analisar tal fenômeno, tendo como objetivo a descrição das características de determinada população, ou então, o estabelecimento de relações variáveis. (GIL, 2008).

Entende-se que a pesquisa qualitativa é marcadamente indutiva, fugindo, portanto, da prática tradicional de se testar hipóteses. O pesquisador que se lançar a prática da pesquisa qualitativa deve, antes, limpar a mente de hipóteses preconcebidas, a fim de evitar que perca sua capacidade de observação (VIEIRA, 2010).

É qualitativa uma vez que estimula os entrevistados a pensarem livremente sobre algum tema, objeto ou conceito, fazendo emergir aspectos subjetivos e atingem motivações não explícitas, ou mesmo conscientes, de maneira espontânea. O nível da pesquisa qualitativa é baseado na realidade dos fenômenos e observações atuais da população de cada estudo (BATISTA; CAMPOS, 2007).

Não menos importante, para esse estudo, será feita a revisão sobre a bibliografia relacionada ao tema como forma de compreensão da temática a partir da abordagem de diferentes autores.

A pesquisa será realizada na sede (área urbana) dos sete municípios que compõem a microrregião do Sertão Central cearense, segundo dados do IBGE² são: Banabuiú, Boa Viagem, Choró, Ibareta, Madalena, Quixadá e Quixeramobim, ocupando uma área total de 11.940,207 Km².

Para a análise dos dados na fase qualitativa da pesquisa far-se-á uma divisão em categorias, assim pode-se melhor interpretar as respostas dos sujeitos na análise dessa pesquisa. Tal análise obedece aos critérios estabelecidos por Bardim (1977, p. 105). Segundo o autor “a presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido”.

Considera-se como melhor instrumento para essa pesquisa será um questionário semi-estruturado, em função do trabalho se apresentar de forma mais discreta, sem inibir o entrevistado. O mesmo será elaborado a partir do tema proposto e dividido em categorias de análise conforme o objetivo da pesquisa e, aplicado à amostra.

Uma vez obtendo os dados, estes serão divididos em categorias – a partir das respostas, entendendo que tal divisão propicia um melhor entendimento acerca da temática elencada, sendo discutidos de modo aprofundado nos resultados desta pesquisa e em analogia a bibliografia consultada.

²Dados do Censo Demográfico de 2007. IBGE Resultados preliminares.

Cultura, Diversidade Sexual e Gênero

Culturalmente, o viés biológico tem sido utilizado para explicar as diferenças entre o ser homem e o ser mulher. É inegável que o componente biológico ocupa importante função, no entanto, tal aspecto deve ser considerado como ponto de partida para a constituição das diferenças entre os gêneros masculino e feminino, mas é através do contato com a cultura a que pertencem, que os indivíduos - homens e mulheres - vão acoplando às suas identidades sociais, comportamentos ditos masculinos ou femininos.

Segundo Grossi (2004),

O processo de constituição de identidade se dá pelo reconhecimento de que existem pessoas idênticas e diferentes de nós mesmos. [...] O gênero se constrói sobre o corpo biológico, que é sexuado. As estruturalistas pensam que só pode haver dois gêneros, uma vez que eles se constituem cognitivamente sobre o corpo sexuado, que é dual (macho e fêmea). A existência de dois gêneros não exclui a possibilidade de que estes sejam constituídos em vários modelos de feminino e de masculino, modelos que variam histórica e culturalmente mas também que têm diferentes matizes no interior de cada cultura.

Sendo assim, as características biológicas são anexadas às culturais. Conceitos e crenças que determinam o que o homem pode ou não fazer, o que à mulher é permitido, como um e outro devem se comportar. Esses padrões de conduta definirão uma identidade, responsável pela forma como homem e mulher devem se colocar diante das questões que o mundo lhes apresenta e na relação com os outros.

De acordo com a autora Eliane Maio Braga (apud RODRIGUES e ROSIN, 2007), a expressão gênero começou a ser utilizado justamente para marcar as diferenças entre homens e mulheres não são apenas de ordem física e biológica. Como não existe natureza humana da cultura, para as autoras, a diferença sexual anatômica não pode mais ser pensada isolada das construções socioculturais em que estão imersas.

A diferença biológica é apenas o ponto de partida para a construção social do que é ser homem ou ser mulher. O sexo é atribuído ao biológico enquanto gênero e é uma construção social e histórica. A noção de gênero aponta para a dimensão das relações sociais do feminino e do masculino (BRAGA, 2007 apud RODRIGUES e ROSIN, 2007).

Para Marcos Nascimento (2004), uma discussão recorrente na literatura denuncia a ocorrência de padrões estereotipados de comportamentos em função do gênero masculino e feminino, presente em condutas como: independência emocional e financeira, força física, rudeza, insensibilidade, agressividade e violência, associadas à condição masculina, e dependência emocional e financeira, fragilidade, sensibilidade, submissão e passividade associadas à condição feminina. Vários autores já discorreram sobre estas características e

outras e como elas são atribuídas socialmente aos gêneros masculino e feminino (ALVES e SOARES, 2001; MORENO, 1999; TOSCANO, 2000).

Nascimento (2004) comenta que essas narrativas “tradicionais” não dão conta da dimensão e da diversidade de experiências humanas e passam a ser relativizadas por outros atributos presentes na vida cotidiana. “... O exercício de masculinidade de um homem branco, heterossexual e de classe média certamente não é o mesmo de um homem negro, homossexual e pobre. Nesse sentido, gênero se entrecruza com raça e etnia, classe social e orientação sexual.” (NASCIMENTO, 2004, p. 106-107).

Neste sentido, é preciso reconhecer que a condição de gênero, na cultura, tem expressões diversas. Para Nascimento (2004), no caso da experiência do masculino, a “masculinidade” aparece atrelada a outras dimensões sociais como: raça, etnia, poder econômico, nível educacional, expressões afetivosexuais etc. Além disso, na nossa sociedade, o homem precisaria provar e confirmar continuamente sua condição de homem, refutando sempre atributos como: “não ser mulher” e “não ser homossexual”. O mesmo não ocorreria com as mulheres, que não precisariam provar, constantemente, “não serem homens” e “não serem lésbicas”, e nem deixariam de serem “vistas” socialmente como mulheres.

Quem são as Travestis?

A primeira questão a ser definida diante da problemática é uma tentativa de definição de quem é e como a literatura define o sujeito travesti. Para tal recorreu-se a trabalhos de Bussinger (2008), Benedetti (2005), Silva e Barbosa (2005) e Pelúcio (2005, 2007, 2009).

Uma primeira definição afirma que travesti seria o sujeito que nasce com a genitália masculina ou feminina, mas se auto-define pelo sexo oposto ao seu nascimento. Nessa pesquisa os sujeitos travestis são aqueles do sexo masculino que buscam assumir uma identidade de gênero oposta o seu sexo de nascimento.

Bussinger (2008, p. 40) afirma que diferentemente dos(as) transexuais, as travestis “não apresentam desejo pela cirurgia de transgenitalização (mudança de sexo), pois convivem com sua genitália, sem maiores conflitos. Preferem se relacionar sexualmente e afetivamente com os homens homo-orientados, os gays”. Quanto à orientação sexual, acrescenta Benedetti (2005, p. 4) que: “A identidade travesti está antes associada à fabricação de um novo corpo, do que às práticas e orientações sexuais.”

Travestis são pessoas que conseguem viver com o seu sexo de atribuição, ou seja são homens que gostam de se relacionar afetivo e sexualmente com outros homens, mas que de

acordo com Pelúcio (2009, p. 44) “... para tal procuram inserir em seus corpos símbolos do que é socialmente tido como próprio do feminino. Não desejam porém, extirpar sua genitália, com a qual, geralmente, convivem sem grandes conflitos.”

Silva e Barbosa (2005, p. 37) acrescenta que: “As travestis usam, ao identificarem-se, não só nomes femininos, mas também se utilizam dos repertórios discursivos femininos, bem como dos respectivos artigos de vestuário e beleza próprios do universo feminino”.

Discussão

A partir das narrativas das depoentes, podemos considerar diferentes questões associadas às suas histórias de infância e enfrentamento, descobertas e negações. Encontramos no espaço geográfico e nas relações de pertencimento dos sujeitos dentro de uma visão microsociológica, que considera o interacionismo simbólico de Herbert Blumer (1997), que neste sentido, dá uma importante contribuição para os estudos dos processos identitários ao enfatizar a importância dos antecedentes e encadeamentos entre atores e interações do presente e do passado.

No entanto, apesar da importância destacada, não podemos confundir a perspectiva de Blumer, que articula história e contexto, com a das chamadas abordagens estruturalistas. Em relação a elas, esse autor faz a seguinte crítica:

Geralmente essas forças [exteriores] se encontram situadas na própria sociedade, como se dá no caso do ‘sistema social’, da ‘estrutura social’, da ‘cultura’, da ‘posição social’, da ‘instituição’, da ‘representação coletiva’, da ‘situação social’, da ‘norma social’, dos ‘valores’. Nessa perspectiva, o comportamento dos indivíduos como membros de uma sociedade não é senão a resultante de todos aqueles fatores ou forças. [...] Esta explicação nega, ou pelo menos ignora, que os seres humanos têm personalidades e que agem depois de se haverem informado. [...] Fatores psicológicos têm o mesmo papel que os fatores sociais atrás mencionados: são considerados como fatores atuantes sobre o indivíduo, quando ele age (BLUMER, 1977, p.37).

Outra questão importante na construção social e histórica do sujeito é a relação com a construção e uso do nome social que está diretamente relacionando à construção da nova identidade trans.

Leite Jr. traz o debate para um plano discursivo um pouco mais distante destes campos de saberes “científicos”, afirmando que:

Como o discurso sobre a transexualidade possui uma aura mais ‘higiênica’, forjado nos laboratórios e consultórios da Europa e dos Estados Unidos e ainda pouco disseminado popularmente em suas especificidades teóricas, pode-se afirmar que o termo ‘transexual’ possui um capital linguístico mais valorizado que o termo ‘travesti’, podendo ser mais facilmente convertido em capital social e, desta forma,

sendo capaz de abrir ou fechar portas segundo a maneira como a pessoa se autoidentifica ou é identificada.(LEITE JR., 2011, p. 214).

Mesmo Pelúcio, em outro trecho de seu trabalho, afirma ter convivido com pessoas que se identificavam como transexuais,

[...] mas viviam, segundo elas mesmas, como travestis que, em algum momento da vida, desejaram tirar o pênis, e outras que jamais tinham pensado naquilo, mas que começavam a estudar essa possibilidade mais recentemente, passando a cogitar a possibilidade de serem transexuais (PELÚCIO, 2009, p. 42).

Existem diferentes formas de trabalho no universo travestis e não apenas a prostituição, como muitas vezes, o senso comum lhe atribui. Entre as depoentes encontramos empregas domésticas, cabelereiras, manicuras, vendedoras autônomas e ambulantes. Cada uma delas buscando viver sua história e construindo suas sobrevivências.

Segundo Berenice Bento (CID, 2008), a inserção no mercado formal é baixíssima. Esta socióloga acredita que o Estado é o principal agressor das transexuais por causa da ausência de políticas públicas e da ação violenta da polícia. Segundo ela: “se faltam diretrizes básicas para a proteção física das transexuais, pensar em inserção no mercado de trabalho é algo muito distante”.

Acrescentar Kulick (2008)

Não se pode deixar de fora também a temática da discriminação, do preconceito e da transfobia, tão presentes nas narrativas das Travestis. Assim procuramos interpretar como tais discursos são impostos pela sociedade às Travestis e como essas questões se relacionam com o contexto socioeconômico e suas histórias de sobrevivência e resistência.

Considerações finais

Concluimos percebendo o quanto as travestis analisadas desdobram-se para sobreviver diante as adversidades sociais e econômicas que se agravam em decorrência de sua identidade de gênero. Que as formas de trabalho que lhes restam, muitas vezes, beira a desumanidade e a precariedade, ainda assim as mesmas às vivem de forma digna e com orgulho e até um pouco de revolta por não conseguirem um trabalho formal ou por não terem tido estudos necessários à obtenção de outras profissões.

Notamos que o espaço onde vivem se apresenta enquanto um cenário de descortinamento de suas lutas diárias, estabelecendo com o mesmo uma ideia de pertencimento social e interacionismo simbólico com o lugar onde vivem e onde ocupam com seus corpos e seus gêneros em trânsito.

Por fim percebemos o quanto a discriminação, o preconceito e a transfobia impostos pela sociedade às travestis estão intimamente relacionados com seu contexto socioeconômico e suas histórias de sobrevivência. Como tais discursos causam profundos males sociais e psíquicos.

Consideramos que a sociedade deveria rever a forma como trata as identidades de gênero não-hegemônicas e repensar o modo como compartilha seus discursos e enquadra determinados segmentos na visão medíocre de mundo que nega diversos seres humanos.

Necessitamos repensar nossa humanidade, repensar nossas atitudes e nossos olhares sobre o mundo e sobre nós mesmos. Quando um quantitativo expressivo de seres humanos são visibilizados por não fazerem parte de um discurso oficial e retrógrado, quais paradigmas necessitam se sustentar?

Referências

- ALVES, Francisca Elenir; SOARES, Viani da Silva. Meninos e meninas: universos diferenciados na família e na escola. In: FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho (Org.). *Ensaio sobre gênero e educação*. Salvador: UFBA, 2001. p. 115 -128.
- BARDIM, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BATISTA, M. N. & CAMPOS, D. C. *Metodologia de pesquisa em ciências: análises quantitativa e qualitativa*. 296 p. Rio de Janeiro: LTC, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-0471200700015&script=sci_arttext>. Acesso em: 22 ago. 2015.
- BENEDETTI, M. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BRAGA, Eliane Maio. A questão do Gênero e da sexualidade na educação. In: RODRIGUES, Eliane; ROSIN, Sheila Maria (orgs). *Infância e práticas educativas*. Maringá – Pr. EDUEM. 2007.
- BLUMER, H. A natureza do interacionismo simbólico. In: MORTENSEN, C. D. *Teoria da comunicação: textos básicos*. São Paulo: Mosaico, 1980. BLUMER, H. A sociedade concebida como uma interação simbólica. In: BIRNBAUM, P.; CHAZEL, F. *Teoria sociológica*. São Paulo: Hucitec; EDUSP, 1977. p.36-40.
- BUSSINGER, R. V. As travesti e o “gênero na margem”: algumas reflexões. *Anais do III Congresso Capixaba de Formação e Atuação do Psicólogo: Ética e Cidadania*. Vitória, Set. 2008.
- CID, Thiago. *Pesquisa com transexuais mostra preconceito contra mulheres no trabalho*. In: Revista Época. 2008. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI15117-15279,00-PESQUISA+COM+TRANSEXUAIS+MOSTRA+PRECONCEITO+CONTRA+MULHERES+NO+TRABALHO.html>. Acesso em: 21 março 2017.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GROSSI, Miriam Pillar. *Masculinidade: uma revisão teórica*. Antropologia em Primeira Mão, v. 75, p. 1-37, 2004.
- IRIGARAY, H. *Discriminação por Orientação no Ambiente de Trabalho: Uma Questão de Classe Social? Uma Análise Sob a Ótica da Teoria Queer*. III EnAPG. Salvador: Anais EnAPG, 2008.

- LEITE JR., Jorge. *Nossos corpos também mudam: a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico*. São Paulo, Annablume: 2011.
- MORENO, Montserrat. *Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola*. São Paulo: Moderna; Campinas: Unicamp, 1999.
- NASCIMENTO, Marcos. (Re)pensando as “masculinidades adolescentes”: homens jovens, gênero e saúde. In: UZIEL, Ana Paula; RIOS, Luís Felipe; PARKER, Richard Guy (Orgs.). *Construções da Sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de Aids*. Rio de Janeiro: Pallas, IMS/Uerj, Abia, 2004. p. 105-112.
- PELÚCIO, Larissa. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo da aids*. São Paulo, Annablume: 2009.
- _____. “Eu me cuido, mona”: saúde, gênero e corporalidade entre travestis que se prostituem. *Anais I Seminário Homofobia, Identidades e cidadania GLBT*, Florianópolis, 2007.
- _____. *Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti*. Cadernos pagu, Campinas, v. 25, p. 217-248, 2005.
- SILVA, A. S.; BARBOSA, R. Diversidade sexual, gênero e exclusão social na produção da consciência política de travestis. *Revista Athenea Digital*, no. 8:27-49, outono 2005.
- TOSCANO, Moema. *Estereótipos sexuais na educação: um manual para o educador*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- VIEIRA, José Guilherme Silva. *Metodologia de pesquisa científica na prática*. Curitiba: Editora Fael, 2010.